



IGREJA DO SALVADOR DE CABEÇA SANTA





## 1. A Igreja na Época Medieval

143



1. Formada por uma nave única e por uma cabeceira rectangular, a Igreja do Salvador de Cabeça Santa corresponde ao tipo mais comum dos templos construídos em Portugal, na Época Românica.



2. Nave e cabeceira. Fachadas sul.

A Igreja do Salvador de Cabeça Santa, situada no concelho de Penafiel, constitui um excelente testemunho da arquitetura românica portuguesa. As soluções adoptadas nesta igreja acusam as influências da Sé do Porto e da igreja de São Martinho de Cedofeita, da mesma cidade, demonstrando o quanto a itinerância das equipas de artistas favoreceu a *viagem das formas*.

Nas *Inquirições* de 1258 a igreja é já referida sob a designação de São Salvador da Gândara, denominação que irá manter até ao século XVII, quando começa a surgir também intitulada de Cabeça Santa, em referência a um crânio guardado em relicário de prata e exposto em altar próprio, situado na nave da igreja.

Embora não haja qualquer referência a que personagem santa pertenceu a relíquia, a verdade é que a sua fama de milagreira, intercessora de várias doenças e das mordidas de cães raivosos, atraiu a devoção e a peregrinação dos fiéis, que a veneravam no dia de São João Baptista, rogando ou agradecendo os milagres.

Jorge Cardoso, no *Agiológio Lusitano*, obra editada em 1666 e destinada a registar a vida dos santos e varões ilustres do reino de Portugal e das suas conquistas, refere o seguinte episódio com a intenção de esclarecer a *verdadeira* atribuição da relíquia:

«O nome que teve o celestial varão nos escondeo o tempo, mas o demónio o divulgou há bem pouco. Foi o caso que aplicada esta veneranda relíquia a um energúmeno, dizendo-lhe que era do glorioso Baptista, respondeu o inimigo por sua boca: Enganaste que não é sua, mas de outro santo homem, que teve o mesmo nome. E posto que o demónio é pai da mentira, contudo muitas vezes fala verdade em semelhantes casos, por permissão divina»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> CARDOSO, Jorge – *Agiológio Lusitano*. (Organização, estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Tomo III, p. 800 (ed. original de 1666).

O mesmo autor regista a existência e a veneração a trinta e sete *cabeças santas*, existentes em Portugal, no século XVII. Na Idade Média, os crânios atribuídos a mártires e santos, supostos ou verdadeiros, constituíam uma das relíquias de maior apreço, fenómeno que perdurou largamente durante a Época Moderna.

A Igreja de Cabeça Santa é um bom exemplo da arquitectura românica portuguesa. Formada por uma única nave e por uma cabeceira rectangular, ambas cobertas por telhados de madeira, corresponde ao tipo mais comum dos templos construídos em Portugal, na Época Românica.

É igualmente um significativo testemunho da existência de equipas de artistas itinerantes. O arranjo dos portais desta igreja e a escultura dos capitéis, tanto dos portais como do arco que divide a nave da cabeceira, são muito semelhantes aos da igreja de São Martinho de Cedofeita no Porto que, por sua vez, apresenta soluções decorativas muito próximas das que foram utilizadas na construção românica da Sé portuense.

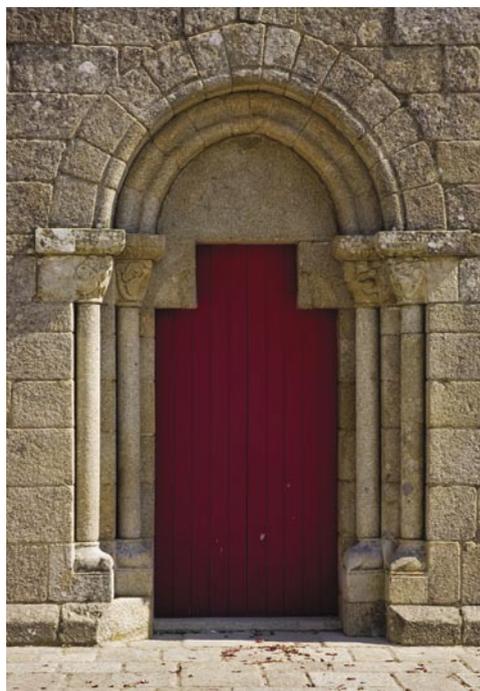
Na Sé do Porto é patente a influência do românico francês da zona de Limoges, tanto na escultura de capitéis, como na forma de organizar os vãos de iluminação como, ainda, na planta que originalmente apresentava. A cabeceira, alterada no século XVIII, era constituída por deambulatório com três capelas radiantes e dois absidiolos poligonais, ao modo das igrejas da região de Limoges, como Beaulieu, Souillac e Le Dorat. As relações comerciais que a cidade do Porto mantinha, já no século XII, com o porto francês de La Rochelle, bem como a existência de núcleos populacionais oriundos de Limoges, naquela cidade mercantil do Sudeste de França, explicam a chegada a Portugal de artistas provenientes daquela região.



3. Tanto a nave como a cabeceira são cobertas de madeira, solução comum na arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho.



4. Fachada ocidental. No portal, o tímpano é sustentado por cabeças de bóvidos. A vontade de proteger as entradas das igrejas bem como o espaço cemiterial que, por vezes, ocupava o espaço fronteiro, concretizou-se na utilização de escultura que figura animais assustadores ou poderosos, capazes de defender a entrada.



5. Portal ocidental. Os capitéis, muito semelhantes aos da igreja de São Martinho de Cedofeita (Porto), são um indício do carácter itinerante das equipas de artistas que trabalhavam nos estaleiros da Época Românica.

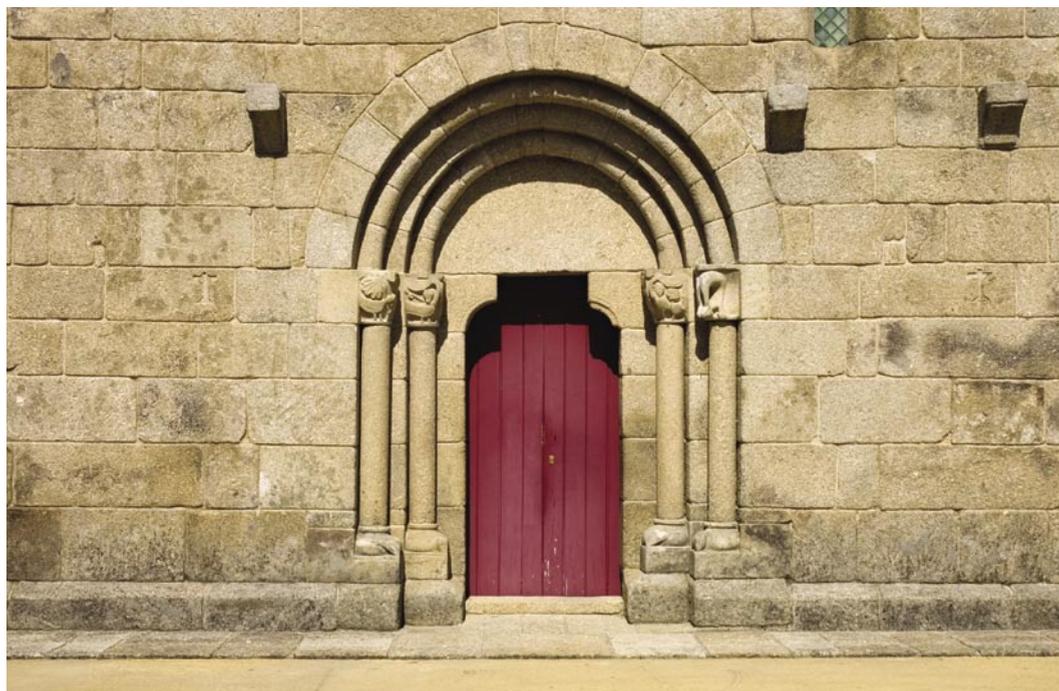
Uma vez que o canteiro-escultor se guiava por moldes, que lhe eram fornecidos pelo mestre da obra, o *magister operis*, o já referido carácter itinerante das equipas de artistas propiciou uma viagem das formas, claramente presente na escultura da Igreja de Cabeça Santa que, simultaneamente, apresenta capitéis como os do arco cruzeiro, em tudo idênticos a outros da igreja de São Martinho de Cedofeita. A escultura arquitectónica da igreja paroquial de Cabeça Santa resulta assim da combinação de modelos de directa influência francesa e de modelos próprios da região do Porto inspirados e influenciados pela escultura pré-românica.

O portal principal de Cabeça Santa está voltado a Ocidente já que, por norma, as igrejas românicas foram construídas de forma a que a cabeceira e a fresta de topo que a ilumina se voltem para Oriente, por razões litúrgicas e simbólicas.

Os portais laterais, a sul e a norte, que quase todas as igrejas românicas portuguesas apresentam, tinham um valor de uso muito maior do que o portal principal. É pelos portais laterais que se entra e sai nos serviços quotidianos. O portal principal, mais largo e monumental, onde há uma maior concentração de escultura, era destinado primacialmente à saída e entrada das procissões, momentos de maior raridade e solenidade no calendário litúrgico.

Na construção religiosa da Época Românica, o portal ocidental era concebido como *Porta do Céu* ou como *Pórtico da Glória*. A vontade de proteger as entradas das igrejas bem como o espaço cemiterial

145



6. Portal sul. O tipo de arquivoltas que este portal apresenta (toros diédricos), bem como os capitéis sem ábaco, são muito semelhantes às soluções adoptadas na Sé do Porto e na igreja de São Martinho de Cedofeita, da mesma cidade. Estes modelos são originários da região francesa de Limoges. A sua presença no românico português deve-se-à aos contactos comerciais que a cidade do Porto mantinha, desde o séc. XII, com o porto de La Rochelle.

que muitas vezes lhes estava fronteiro, concretizou-se na representação de temas sagrados nos portais, mas também na inclusão de outros elementos, como a escultura de animais assustadores ou poderosos e em sinais de valor mágico, ou seja, motivos escultóricos como cruzes e rodas solares, capazes de defender as entradas e de proteger a igreja de todos os males.

É com este sentido que, na Igreja de Cabeça Santa, o portal ocidental apresenta um tímpano onde assentam cabeças de bóvidos. Nos outros capitéis há aves afrontadas, num esquema bem ao sabor românico, que adapta a figuração à peça da arquitectura, ou seja, ao cesto do capitel. Num dos capitéis figura uma personagem deitada e agarrada pela boca de um animal, reportando-se à ideia do homem aprisionado pelo pecado.

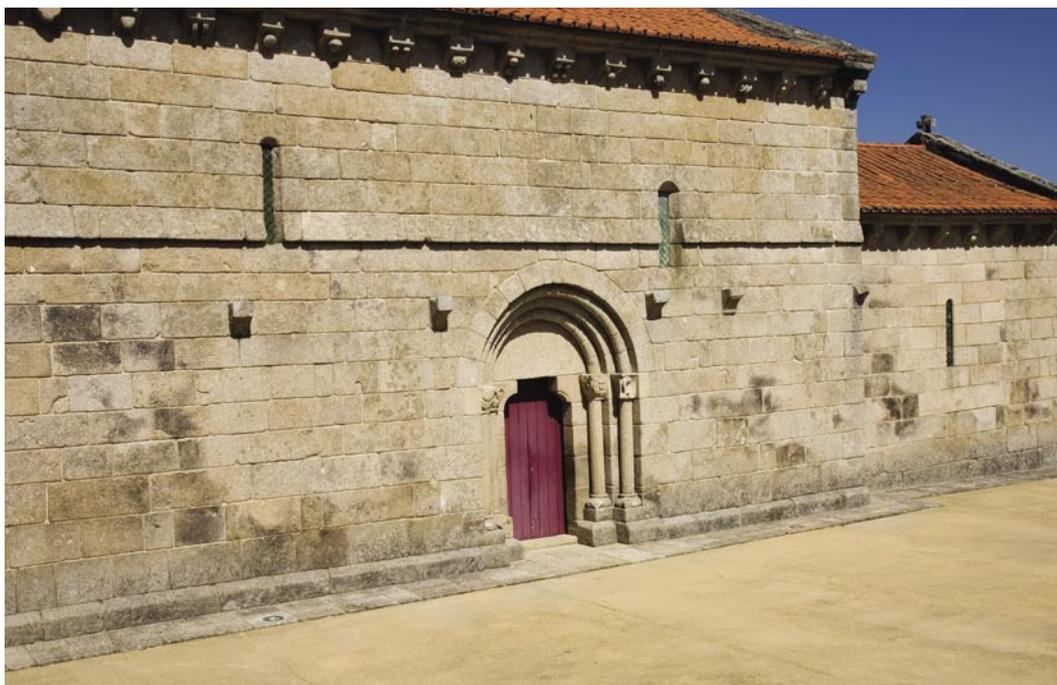
A torre sineira, que se encontra no espaço fronteiro à igreja, no limite do adro, foi ali reconstruída na campanha de obras de restauro realizada pela DGEMN, em meados do século XX. Anteriormente estava incluída, a norte, no alinhamento da fachada principal e a sua volumetria desenvolvia-se para a banda da fachada setentrional.

Apesar de a parte inferior desta torre apresentar uma construção à maneira medieval, a sua parte superior correspondia a um arranjo já da Época Moderna, factor que ditou a sua demolição. Contudo, no sentido de evitar conflitos com a população, a equipa de restauro optou pela reconstrução da torre.

As torres sineiras, que na Época Românica ladeiam uma ou ambas as fachadas, ou que se colocam sobre a fachada principal, ou ainda à maneira de campanário autónomo, lateral ou fronteiro à igreja, têm um valor simbólico e prático. Elas indicam, ao longe, que o território onde se inserem as igrejas está ocupado e possuído, conferem prestígio e segurança e servem ainda para a colocação de sinos, cujo toque é de suma importância na vida das comunidades.



7. Portal sul. Capitéis sem ábaco.



9. Fachada sul. As mísulas e o lacrimal, destinado ao escoamento das águas pluviais, indiciam a existência de um alpendre com telhado de uma água.

8. Portal sul. Capitéis. A figuração de acrobatas é frequente na escultura românica. Uma vez que a escultura é realizada nas peças da arquitectura, este tema adapta-se muito bem ao espaço que tem para ocupar.



Nas *Memórias Paroquiais*, elaboradas em 1758, é referida uma torre «*bastante alta e grossa feita de cantaria*». Nesta época a torre cumpria a função de torre sineira e já se encontrava algo arruinada. Supõe-se que a parte inferior de uma construção, em cantaria, situada junto ao lado sul do adro, que hoje está adaptada a casa de habitação, constitui o remanescente da referida torre.

Na fachada sul permanecem mísulas e um lacrimal, destinado ao escoamento das águas pluviais, que testificam a presença de um alpendre com telhado de uma água. Estes alpendres, que se encostavam às fachadas laterais das igrejas e por vezes à fachada principal, como no caso da igreja de São Pedro de Ferreira (Paços de Ferreira), destinavam-se a várias funções. Constituíam espaços destinados a cemitérios e à celebração de rituais funerários, bem como a local de reunião e de abrigo. Na Época Românica a igreja era habitualmente o edifício mais nobre de uma paróquia. Para além das funções sacras e litúrgicas, junto à igreja que era o pólo aglutinador da freguesia, desenrolavam-se muitas das actividades quotidianas da população, como reuniões, actos notariais e trocas comerciais, que o espaço dos alpendres albergava.

No adro da igreja, em afloramento granítico, há três sepulturas escavadas na rocha. Uma das sepulturas, individual, apresenta cabeceira trapezoidal e termina, junto aos pés, de forma arredondada (destinava-se a um adulto). As outras duas sepulturas são geminadas. Uma apresenta-se muito mutilada na sua metade superior, não sendo possível estabelecer a tipologia da cabeceira, enquanto a outra mostra cabeceira em arco de ferradura ou ultrapassado<sup>2</sup>.

Encostados ao muro, a sul da Igreja de Cabeça Santa, encontram-se ainda três sarcófagos medievais com as respectivas tampas<sup>3</sup>.

As influências da Sé do Porto e da igreja de São Martinho de Cedofeita, já referidas, indiciam que esta igreja paroquial deverá datar das primeiras décadas do século XIII<sup>4</sup>.

O interior da Igreja de Cabeça Santa apresenta-se-nos hoje quase totalmente despojado de cor, de altares, de pinturas, de imagens ou de outro tipo de mobiliário litúrgico e devocional.

No arco cruzeiro, os capitéis, também muito semelhantes aos de São Martinho de Cedofeita, constituem o único aspecto decorativo. O que ressalta, tanto na nave como na cabeceira, é o aparelho granítico de boa qualidade, como é habitual no românico português. Contudo, cabe aqui observar que este aspecto de total sobriedade resulta da campanha de restauro do século XX, como adiante se verá.

A sala ampla e una da nave, de uma igreja restaurada está imensamente distante do espaço especializado, e até atravancado, dos templos medievais. A expressão uniforme das igrejas medievais portuguesas e o seu aspecto fechado, que aparenta uma construção iniciada e acabada com a mesma coerência formal corresponde, na maior parte dos casos, ao resultado de obras de restauro, metodologicamente centrado na recuperação da forma *original*. Os materiais de construção *repostos* nessas obras durante a segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, tenderam a uniformizar os monumentos, na sua textura e acabamento.

Uma igreja românica ou gótica restaurada, apresenta uma utilização sistemática e uniforme do granito (ou do calcário), nos muros, nas coberturas e no pavimento. O conhecido culto da pedra à vista, muito valori-



10. Os capitéis do arco triunfal adoptam modelos da igreja de São Martinho de Cedofeita (Porto).

2 BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1987, p. 166.

3 IDEM, *ibidem*, p. 377.

4 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da Arte em Portugal. O Românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 95.



11. O interior  
recebendo ao longo da Época Moderna.

zado naqueles restauros e que ainda avassala muitas obras de recuperação, principalmente de igrejas paroquiais e de habitação, radica na estima e mesmo na admiração da qualidade das cantarias, da isodomia dos muros, do aparelhamento dos silhares, numa exaltação do trabalho da pedra e da sua perenidade. Sabemos, no entanto, pela documentação, que os materiais utilizados numa mesma igreja eram muito variados, tanto no que diz respeito aos materiais de construção como aos revestimentos, e logo à diversidade cromática dos mesmos. Altares, pias baptismais, túmulos, entre outros, apresentavam uma variedade de soluções na matéria-prima escolhida e nos revestimentos decorativos, conferindo ao interior das igrejas um aspecto assaz diferente daquele que hoje apresentam.

As constantes obras de manutenção, substituição e alteração das várias parcelas das igrejas, cuja motivação é muito variada, ora cingindo-se à necessária conservação das construções, ora sendo impulsionada por razões devocionais e catequéticas, são elementos que faziam da igreja (ou capela) um objecto em constante mutação.

É frequente o registo de edifícios parcialmente inacabados, de obras que se prolongam durante vários anos, como é recorrente a menção a igrejas e capelas em muito mau estado de conservação, onde chovia pelos muitos problemas de manutenção dos telhados e onde os pavimentos, em rocha viva ou em terra, se degradavam facilmente.

Os altares de fora, as capelas funerárias ou simplesmente os arcosólios que abrigam um túmulo, as capelas individuais e familiares que vão sendo fundadas no interior das igrejas e dotadas de altares, pinturas e alfaias litúrgicas, o espaço que se arranja e soleniza para melhor enfatizar o lugar da pia baptismal, fazem da nave da igreja um espaço que abriga uma série de micro-lugares destinados a várias devoções. Não é fácil recriar o interior de uma igreja românica já que a maior parte dos elementos que chegaram até nós, como altares, imagens, pinturas, revestimentos, entre outros, são fruto de alterações culturais e devocionais que o longo tempo que nos separa da Idade Média, foi introduzindo. Apenas a documen-

tação e alguns dos raros vestígios que permaneceram, permitem entender que os interiores das igrejas não eram tão despídos como hoje se apresentam.

O altar, na Época Românica, como pólo do sagrado que sempre foi, situava-se habitualmente no primeiro tramo da cabeceira, permitindo a circulação à sua volta. Sabemos que, na Sé Velha de Coimbra o altar-mor era realçado e coberto por baldaquino e dossel apoiado em quatro colunas, do qual pendia uma pomba de prata que servia para guardar a reserva eucarística<sup>5</sup>.

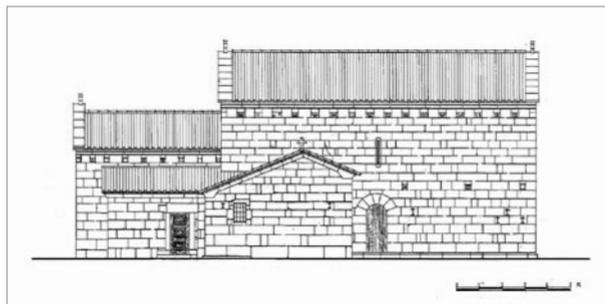
Sobre a mesa do altar, e em tendência contrária ao que acontecia nos tempos da Alta Idade Média aparecem já pequenos retábulos, a cruz e castiçais<sup>6</sup>. Na face do altar voltada para a nave eram colocados frontais, cuja variedade é importante registar. Poderiam apresentar uma placa de pedra com escultura, placas de madeira rebocadas e pintadas ora com programas iconográficos, ora com decoração vegetalista e geométrica, como bem nos mostram os exemplares das igrejas românicas catalãs, ora ainda revestimento em prata ou em tecidos ricos, como a seda.

A multiplicação dos altares é um fenómeno muito próprio da Época Românica, registando uma tendência já vinda dos tempos anteriores. O número de missas particulares e quotidianas tende a crescer ao longo dos séculos XII e XIII, com o conseqüente aumento de novos altares e mesmo de capelas, no espaço interno da igreja, que por sua vez levaram à multiplicação da quantidade e forma de cálices, livros litúrgicos, relicários, imagens e cruzes.

Outro aspecto que importa sublinhar é a questão da presença da cor no interior e no exterior dos templos. Como escreveu C. A. Ferreira de Almeida, a Idade Média amou extraordinariamente a cor nas paredes das igrejas, já que a profusão do colorido fazia parte da manifestação do sagrado. As figuras dos portais e os motivos decorativos receberam tintas fortes, que realçavam os temas, como nos testemunham alguns vestígios na Sé de Braga e na igreja de Santa Maria de Ermelo (Arcos de Valdevez). As tapeçarias coloridas cobriam muitas vezes as paredes<sup>7</sup>.

Também a cal, assiduamente referida na documentação tardi-medieval, cobria muitas vezes as paredes das igrejas, assim como a própria escultura arquitectónica, porque é branca, luminosa, profiláctica e porque protege os materiais da construção.

Equivocamente, o arquétipo de uma igreja medieval anda sempre associado, na cultura contemporânea, à sobriedade, à ausência de cor, à estima pela pedra à vista. No entanto, esta ideia é profundamente errada. As igrejas despídas e monocromáticas são, mental e devocionalmente, inconcebíveis na Idade Média. [LR]



12. Alçado lateral norte da Igreja de Cabeça Santa.

5 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da Arte em Portugal. O Românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 48.

6 IDEM, *ibidem*, p. 48.

7 IDEM, *ibidem*, p. 49.



13. Interior da Igreja antes do restauro.

## 2. A Igreja na Época Moderna

151

Segundo a tradição coligida em forma de texto no século XVII, a denominação Cabeça Santa, devia-se ao culto que era prestado «de tempo imemorial» à relíquia da cabeça de um santo, cuja invocação se desconhecia. Guardava-se num sacrário existente no altar colateral, do lado do Evangelho, da igreja paroquial<sup>8</sup>.

Esta relíquia, expressão da simbólica colectiva, foi motor de grande veneração por parte dos fiéis das freguesias vizinhas, pelos contínuos milagres que recebiam os que imploravam a sua protecção. Sendo esta igreja anexa do Convento dos Lóios do Porto, os religiosos desta instituição recolheram um fragmento da Relíquia que levaram para a cidade do Porto, onde era exibida publicamente na capela do Bom Jesus da igreja monástica. No dia 24 de Junho era exposta à veneração e muito procurada pela população<sup>9</sup>. Esta associação de data do calendário litúrgico com o fragmento do corpo humano, cabeça, remete para o culto de São João Baptista. Facto do imaginário tradicional, alicerçado pelos escritos hagiográficos do século XVII e testemunhado ainda no século seguinte, introduz a igreja de São Salvador no culto prestado às relíquias que remonta em Portugal ao universo medieval, data de fundação da igreja. Estes cultos às relíquias de origem medieval são dinamizados em pleno período que sucede às reformas tridentinas e afirmam-se como expressão da religiosidade barroca portuguesa. A dinâmica do simbólico colectivo, o culto à Cabeça Santa, serve como identidade toponímica do Salvador da Gândara, chegando a designar-se a freguesia pelo título da invocação. Na actualidade, nada resta como suporte material desta expressão do imaginário colectivo. Todavia, ainda no ano de 1758 se guardava na igreja «sua santa Relíquia antiquíssima à qual dão o nome de Cabeça Santa».

8 Cf. COELHO, Manuel Ferreira – «O Concelho de Penafiel nas Memórias Paroquiais de 1758». In *Penafiel – Boletim Municipal de Cultura*. 3ª Série. Nº 4-5. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 1989.

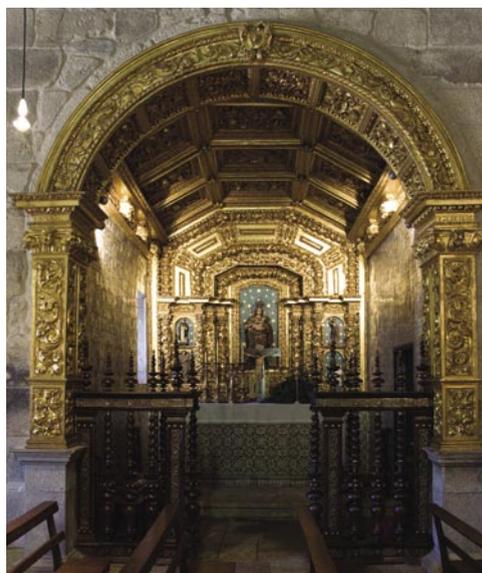
9 SANTA MARIA, Francisco – *O Ceo aberto na terra. História das Sagradas Congregações dos Cônegos Seculares de S. Jorge em Alga de Venesa e de S. João Evangelista em Portugal*. Lisboa: Oficina de Manoel Lopes Ferreyra.

## 2.1. Capela de Nossa Senhora do Rosário

A actualmente denominada Capela de Nossa Senhora do Rosário, cujo acesso se realiza a partir da nave da igreja, define um espaço autónomo de planta rectangular e é um marco distintivo da transformação da estrutura medieval, provocada pela alteração do ritual litúrgico pós-tridentino. Segundo documentação datada do ano de 1758 sabe-se que era então denominada Capela do Santíssimo Sacramento, uma invocação que em muito explica a sua edificação na nave desta igreja. Na realidade, a valorização e dignificação do culto ao Santíssimo Sacramento, tal como o do Lausperene, em Portugal nos séculos XVII e XVIII, justificou esta construção autónoma.



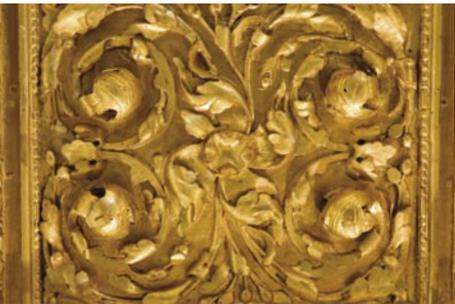
14. Capela de Nossa Senhora do Rosário antes do restauro.



15. Capela de Nossa Senhora do Rosário. Séc. XVII.

Do ponto de vista decorativo, este espaço apresenta-se bastante equilibrado e requintado no que toca à linguagem adoptada: o gosto estético próprio do barroco português está omnipresente sobretudo pela peculiar associação entre a talha dourada, o revestimento azulejar e a madeira em pau-preto com aplicações em metal amarelo das grades torneadas que marcam a separação desta capela relativamente à nave da Igreja.

Estilisticamente, a talha é de estilo nacional, sobretudo pela linguagem adoptada, onde motivos vegetais de parras e cachos de uvas, numa evocação à Liturgia Eucarística, se misturam com aves, símbolo do Mistério da Ressurreição, e meninos. Contudo, existe ainda algum apego a uma estrutura de gosto maneirista pela pouca profundidade da estrutura retabular e, principalmente, pelo vasamento de nichos para inclusão de imaginária. Do conjunto da imaginária exposta no retábulo, merece particular atenção a imagem de *Nossa Senhora com o Menino*, em madeira estofada e policromada. É uma bela peça do século XVII.



16. Capela de Nossa Senhora do Rosário. Detalhe do tecto em caixotões.



17. Nossa Senhora do Rosário. Escultura em madeira estofada e policromada. Séc. XVII.

A superfície dourada alastra pelo tecto, onde se desenvolve segundo uma estrutura de caixotões em talha relevada e chega mesmo a revestir o arco de volta perfeita que marca a entrada deste espaço.

Articulado com a talha dourada está o azulejo a preencher as restantes superfícies. Assim, os alçados laterais deste espaço são totalmente forrados por um revestimento cerâmico de composição de padronagem, constituindo o motivo de repetição um padrão de módulo 4x4, datado de meados do século XVII<sup>10</sup>. A composição desenvolve-se sobre um fundo azul e tem como ponto de rotação principal uma cruz pintada a azul e branco com acantos colocados na diagonal, entre os seus braços, unidos por um campo laranja. Emoldura o elemento cruciforme uma fita branca, que corre a toda a volta formando um círculo perfeito o qual, por sua vez, deriva para um motivo secundário de repetição que consiste num losango preenchido pela representação de uma flor aberta. Encadeados amarelos estabelecem a ligação entre os módulos repetidos. Em ambos os alçados corre a toda a volta do *tapete* uma cercadura de flores pintadas a amarelo e azul sobre fundo branco.

De igual modo, também o embasamento da estrutura retabular é forrado a azulejos policromos de padrão de módulo 2x2: o motivo representado é desenhado sobre fundo azul e consiste num jogo de efeitos de laçarias brancas que se conjugam com motivos vegetalistas a amarelo. O desenho deste módulo é idêntico ao dos azulejos existentes no Convento de Santa Maria da Costa em Guimarães e terá surgido a partir de 1650<sup>11</sup>. Relativamente à guarnição, as superfícies apresentam uma cercadura de acantos dentro do mesmo jogo cromático.

Todos os elementos artísticos transformam o espaço num ambiente particularmente apelativo para os devotos, resultando um conjunto de bom desenho e uniformidade estética. A exuberância do conjunto poderá ser em parte descodificada se tivermos em conta o facto de a este espaço estar associada a Confraria do Santíssimo Sacramento: por norma esta confraria era, nas paróquias portuguesas, uma das mais poderosas economicamente, uma vez que reunia habitualmente os membros mais ilustres da povoação, o que lhes permitia subsidiar obras deste tipo.

Um micro-espaço do barroco português que resistiu à intervenção da DGEMN, e que se impõe pela harmonia e articulação das várias artes complementares. [MJMR / DGS]

### 3. Restauro e conservação

Seguindo a linha conceptual de restauro operada nos espaços religiosos medievais portugueses, também o restauro da Igreja de Cabeça Santa assentou na restituição da traça primitiva do templo, alterado na Época Moderna pelos detentores do seu padroado, a congregação dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista.

As obras de restauro desta Igreja decorreram entre os anos de 1936-1950, tendo como responsáveis os arquitectos Rogério de Azevedo e Joaquim Areal<sup>12</sup>.

O projecto inicial desenvolvido pela equipa técnica da DGEMN previa a remoção da torre sineira adossada ao imóvel, mas a sua demolição colidia com os interesses da população local, levando os arquitectos

10 Identificado por Santos Simões como P-462. Vd. SIMÕES, J.M. dos Santos – *Azulejaria em Portugal no Século XVII*. 2ª Edição, Tomo I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, p. 85.

11 Identificado por Santos Simões como P-342. *Idem*, p. 55.

12 *Boletim da DGEMN*, nº 64, Junho de 1951.



18. Igreja do Salvador de Cabeça Santa antes do restauro.

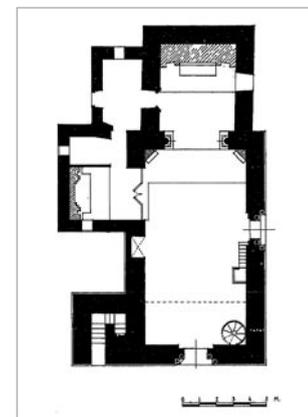
154

a optar pelo seu desmonte e reconstrução, junto ao limite do adro. O mesmo projecto visava também a demolição da Capela de Nossa Senhora do Rosário, anexa ao corpo da igreja. Embora esta capela fosse um elemento datado da Época Moderna, tal como a torre sineira, optou-se pela sua manutenção, uma vez que representava um testemunho do esforço construtivo do povo e um elemento de identidade e de memória local. Os trabalhos de restauro da capela incidiram na reparação e douramento da talha dourada, recolocação de azulejos, restauro de peças em pau-preto, reposição dos elementos de talha em falta e construção das pilastras no arco.

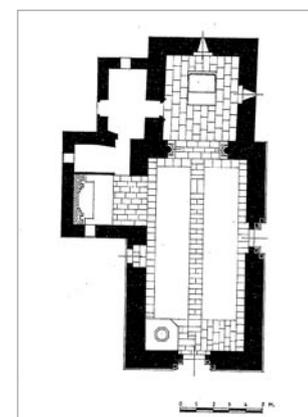
Na sacristia construiu-se o pavimento em tijolo rebatido, executaram-se rebocos, reparou-se o tecto e construiu-se a cobertura.

No interior foram ainda desentaipadas a porta norte e a fresta da capela-mor, construiu-se o lajeado e soalho do pavimento, o lajeado para a pia baptismal, executou-se o altar em cantaria e os vitrais para as frestas. O coro, situado junto ao pórtico principal, foi removido devido à falta de harmonia com os restantes elementos. Os altares construídos na Época Moderna foram igualmente retirados, sendo alguns dos seus motivos decorativos de madeira esculpida, aproveitados e devidamente conservados.

Recentemente, a Igreja do Salvador de Cabeça Santa foi alvo de obras de beneficiação, os telhados foram apeados e reconstruídos e o exterior foi regularizado no adro, sendo executados os passeios de lajeado. [MB]



19. Planta da Igreja anteriormente ao restauro de 1936 a 1950.



20. Planta da Igreja posteriormente ao restauro de 1936 a 1950.

# Cronologia

Séc. X-XI (?) – Edificação original (desaparecida);

Séc. XIII – Edificação da igreja românica;

Séc. XVI-XVII – Construção da capela lateral, com decoração azulejar e retábulo de talha;

Séc. XVII-XVIII – Construção da torre sineira;

1937 – Obras de restauro promovidas pela DGEMN, que incluíram: apeamento completo de paredes exteriores e posterior reconstrução, entaipamento de rasgos com silharia, restauração de duas frestas com cantaria apicoada;

1938 – Limpeza e obras de reconstrução na coberturas, tomada de juntas das paredes, assentamento do lajeado de cantaria;

1939 – Conclusão do restauro: limpeza de cantaria, fechamento de juntas, reconstrução de frestas, porta, armação do telhado, cobertura, apeamento do altar;

1940 – Obras diversas na cobertura, portas e lajeamento na capela-mor;

1942 – Obras de restauro incluíram: arranjo geral da sacristia, do arco da capela lateral e colocação da grade seiscentista; transferência do altar-mor para São Vicente de Irivo;

1950 – Obras de restauro: assentamento do soalho nos dois corpos laterais da igreja, reparações nas caixas-de-ar, obras de restauro na capela lateral, sacristia e fachadas; deslocação da torre sineira; instalação eléctrica e arranjo geral do adro;

1951 – Modificação do sistema eléctrico, obras na cobertura;

1966 – Mudança do altar-mor;

1973 – Trabalhos de conservação nos telhados, portas, caixilhos de janelas e instalação eléctrica sonora;

1985 – Reparações na cobertura;

2003/2004 – Obras de conservação e valorização do imóvel, no âmbito do projecto da *Rota do Românico do Vale do Sousa*: revisão geral das coberturas; beneficiação geral dos vãos exteriores; remate das juntas exteriores, lavagem dos paramentos; remoção do pavimento do adro e colocação de novo, com trabalhos arqueológicos preliminares e de acompanhamento; recolocação do lajeado nos exteriores do monumento e da casa paroquial; construção de apoios para os túmulos; beneficiação geral da torre sineira.